

CORREIO NO MUNDO

Wikimedia Commons



Primeira-ministra do Japão quer eleições antecipadas

Sanae Takaichi quer dissolver Parlamento e convocar eleições

A primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi, planeja dissolver o Parlamento do país na semana que vem e convocar eleições legislativas antecipadas, afirmou nesta quarta-feira (14) Shunichi Suzuki, o secretário-geral de seu partido. A estratégia busca obter respaldo popular para um plano de gastos públicos considerado ambicioso e que tem causado apreensão nos mercados financeiros. Segundo dois parlamentares da base governista, que falaram com a Reuters sob condição de anonimato, Takaichi avalia realizar o pleito em 8 de fevereiro. “Precisamos buscar um novo mandato”, disse Suzuki, secretário-geral do Partido Liberal Democrata (PLD), após se reunir com a primeira-ministra. Segundo ele, Takaichi vai detalhar seus planos na próxima segunda (19).

Takaichi quer aproveitar popularidade

Primeira mulher a chefiar o governo japonês, Takaichi pretende capitalizar o aumento de sua popularidade desde que assumiu o cargo em outubro, de acordo com analistas, apesar de seu envolvimento em uma crise diplomática com a China, vizinha e principal parceira comercial do país. Suzuki afirmou que a eleição permitirá aos eleitores avaliar a nova coalizão formada pelo PLD com o partido de direita Japão Inovador.

Cabinet Public Affairs Office



Takaichi foi exposta pelo secretário-geral de seu partido

Votação servirá de “termômetro”

A aliança foi selada no ano passado, após o rompimento com o Komeito, parceiro histórico do PLD, de perfil mais moderado. “A última eleição ocorreu sob o governo PLD-Komeito. A população ainda não se pronunciou sobre a mudança de parceiro de coalizão”, disse ele.

A votação servirá ainda como termômetro para os planos de Takaichi de ampliar os gastos públicos com o objetivo de estimular o crescimento econômico e aumentar o orçamento de defesa, parte de uma estratégia nacional de segurança revisada.

Tensão japonesa com a China

O calendário eleitoral também coincide com o momento mais tenso das relações entre Japão e China em mais de uma década. No ano passado, Takaichi afirmou que um eventual ataque chinês a Taiwan poderia representar uma ameaça existencial a Tóquio. Pequim exigiu uma reatuação, o que não ocorreu. O desempenho da primeira-ministra na economia seria decisivo em um novo pleito.

Vistos suspensos

Os Estados Unidos suspenderam a emissão de vistos para cidadãos de 75 países, incluindo o Brasil, segundo a Fox News. Ainda não está claro quais tipo de vistos estariam sujeitos à restrição.

A emissora americana afirma ter tido acesso a um documento do Departamento de Estado dos EUA.

Orientação de cima

O documento orienta funcionários consulares a negar vistos enquanto a pasta reavalia os procedimentos de triagem e verificação. A medida teria como objetivo barrar a entrada de solicitantes que, segundo o governo, poderiam se tornar dependentes de assistência social ou representar um custo para os cofres públicos.

Sem comentários

Ainda segundo a Fox News, a restrição terá início no próximo dia 21 e ficará em vigor por tempo indeterminado. Países como Somália, Rússia, Afeganistão, Irã, Iraque, Egito, Nigéria, Tailândia e Iêmen também aparecem na lista. Até a publicação deste texto, o Itamaraty e o governo Trump não comentaram oficialmente a medida.

Televisonado

O chefe do Judiciário iraniano, Gholamhosein Mohseni Ejei, anunciou na quarta-feira (14) que o regime teocrático pretende televisionar os julgamentos de manifestantes presos. A declaração ocorre em meio a uma violenta repressão, que já matou mais de 2.000 pessoas, e um temor de aplicação em massa da pena de morte.

Direito à defesa

O país persa marcou para esta quarta a primeira execução relacionada à onda de protestos que se espalhou pelo país. Erfan Soltani, 26, foi detido na cidade de Fardis, próxima à capital Teerã. De acordo com relatos, o processo avançou rapidamente, de maneira pouco transparente e sem que ele tivesse direito à defesa.

Julgamento rápido

Ejei visitou uma prisão de Teerã onde manifestantes, chamados de “rebeldes” pelas autoridades, estão detidos para revisão de seus casos. Após a agenda, ele prometeu julgamentos rápidos e públicos. “Se alguém ateou fogo em uma pessoa, a decapitou antes de queimar seu corpo, devemos fazer nosso trabalho rapidamente”, declarou.



Irã vem enfrentando manifestações intensas nos últimos dias

Irã prepara resposta para possível ataque americano

Irã aumentou a pressão sobre manifestantes após falas de Trump

Por Igor Gielow (Folhapress)

Sob ameaça direta de um ataque dos Estados Unidos, o governo do Irã aumentou a pressão sobre os manifestantes que desafiam seu regime teocrático há duas semanas e meia. Ao mesmo tempo, se prepara para uma ação militar e ameaça retaliação. Os protestos, que começaram como atos contra a crise econômica e se transmutaram na mais séria ameaça à teocracia desde sua instalação em 1979, aparentemente cederam em escopo devido à brutal repressão policial.

Análise do Instituto para Estudo da Guerra (EUA) mostra uma queda acentuada nas manifestações verificáveis a partir da noite da quinta-feira passada (8), quando começou o corte mais radical na internet e na telefonia móvel do país persa.

De 156 cidades afetadas em 27 das 31 províncias iranianas naquele dia, o número caiu para 7 e 6, respectivamente, na terça (13). A curva acompanha a intensificação da repressão policial no fim de semana, que já deixou segundo a ONG baseada nos EUA Hrana 2.403 mortos. O problema da conta é óbvio: a subnotificação de atos pode ter a ver com a dificuldade de verificá-los justamente devido ao blecaute informativo. Com efeito, o mesmo instituto aponta relatos de que a polícia agora está fazendo batidas para apreender antenas de Starlink, o sistema de internet por satélite usado para driblar o apagão.

Elas vinham sendo a porta de

saída das imagens que as redes normais não conseguiam mais transmitir. E há sinais de que as manifestações seguem fortes. Na noite de terça, vídeos mostravam milhares de pessoas nas ruas de Teerã, um dia depois de o regime promover atos em seu favor.

Nesta quarta, o governo também promoveu na capital o funeral de alguns dos mais de cem policiais mortos em ação. Por outro lado, a ausência de internet e celular dificulta a mobilização dos atos, que segundo ativistas são descentralizados e nunca tiveram lideranças claras.

É uma disputa também midiática, que tem em Donald Trump um elemento central. O americano cancelou negociações com o Irã, prometeu que “a ajuda está a caminho” e instou as pessoas a permanecerem na rua. O regime já trata as ameaças como um fato consumado.

Nesta quarta (14), diversos sinais de que alguma ação militar poderá ocorrer se acumularam. Segundo relatos colhidos pela agência Reuters, os EUA determinaram a saída de parte do pessoal de várias bases no Oriente Médio, inclusive a principal, Al-Udeid, no Qatar. Não há, contudo, nenhuma movimentação maciça de tropas.

Al-Udeid, com cerca de 10 mil militares e civis, é 1 das 8 bases permanentes dos EUA na região, que mantém cerca de 20 pontos no Oriente Médio. O Irã, também segundo a Reuters, avisou aos vizinhos que irá atacar as bases caso seja alvejado.